



## **REGGIO EMILIA** e a abordagem educacional inovadora

A arte como ferramenta  
para construção do  
processo de conhecimento

**B**runa Elena Giacopini é coordenadora pedagógica das escolas de Reggio Emilia, cidade reconhecida internacionalmente pelo tratamento inovador que dá à educação infantil. Formada em pedagogia pela Universidade de Bologna, Elena faz parte de uma grande equipe que trabalha com uma abordagem baseada no empenho, na pesquisa e na experimentação, onde existe extrema valorização dos alunos como indivíduos e do confronto de idéias para a formulação democrática do conhecimento.

Convidada especialmente pelo Pueri Domus Escolas Associadas para contar sua experiência no Brasil, a educadora ministrou o Seminário de Educação Infantil Reggio Emilia, em agosto. Em sua companhia, esteve Lanfranco Bassi, atelierista responsável por desenvolver atividades artísticas que estimulam o desenvolvimento da criança. Durante o período em que esteve no país, Elena destacou para a reportagem da SuperEscola os principais elementos do processo educacional da cidade, como a relação com a comunidade e a busca da autonomia dos alunos por meio do estímulo ao constante questionamento.

**SuperEscola:** *Como ocorre a busca da autonomia das crianças por meio dos projetos de Reggio Emilia?*

**Elena Giacopini:** Muito mais importante do que perguntar às crianças é deixar que elas façam as perguntas para si mesmas, para os colegas e para os professores. Nos sistemas educacionais tradicionais, a criança é muito condicionada a repetir determinada informação quando

questionada sobre algo. Em Reggio Emilia, a construção de projetos gera experiências próprias em cada um dos alunos e os professores estimulam os alunos a se perguntarem se o que fizeram deu certo ou errado, se foi difícil, sobre o que gostariam de fazer diferente para melhorar a atividade, enfim, elas passam a ser autônomas sobre seus próprios passos. Esse é, provavelmente, o aspecto mais revolucionário da proposta.

**SE:** *E como os projetos se desdobram após essa etapa inicial?*

**EG:** Quando envolvemos os alunos em algum projeto de construção manual, fazemos com que essa situação dê vazão a uma série de outras experiências, talvez completamente diferente do projeto original, como parte de um processo que é possível graças ao entrelaçamento das relações entre crianças e adultos. O educador está incorporado ao ambiente para conduzir os caminhos das crianças por meio da interpretação que ele tem do trabalho realizado. Condução não quer dizer direção, já que os passos do projeto continuam sendo definidos pelas crianças. É bastante complicado definir em palavras um trabalho tão prático como esse, mas dá para perceber que os professores são figuras essenciais nesse processo, assim como todo o processo de relacionamento das crianças com estes e com seus colegas. Este relacionamento é intenso, pois há dois professores com a mesma competência se dedicando a um grupo de 26 crianças, que se subdividem durante os projetos.

**SE:** Por falar em relacionamento, Reggio Emilia também se destaca pelos conceitos de escola da comunidade, ou seja, não existe uma separação tão delineada entre vida na escola e fora dela. Como isso funciona?

**EG:** Uma das coisas mais importantes é apresentar espaços que mostrem o relacionamento da criança com a comunidade, ligado às atividades da escola. Em Reggio Emilia, a produção dos alunos não fica dentro da sala de aula, mas são expostas em estabelecimentos da cidade e em algumas vezes até ao ar livre, em locais públicos. Isso privilegia a percepção do aluno de que toda a comunidade é seu ambiente educacional.

**SE:** A senhora poderia falar um pouco mais do processo de aprendizagem?

**EG:** A abordagem é para educação infantil, então o objetivo final não é alfabetizar a criança, mas desenvolver nela a busca por respostas por meio de pesquisas e de seu relacionamento com as pessoas e o ambiente. Não existe avaliação concreta das atividades das crianças, mas sim análise das suas potencialidades. Se algum projeto dá errado, os pequenos são estimulados a buscar novas respostas, pensar em alternativas, procurar com colegas e amigos a razão do que deu errado. Assim, um aparente erro ou fracasso transforma-se numa nova oportunidade de desenvolvimento. Como já foi destacado, o professor é quem estimula as crianças a buscar essas respostas, mas elas continuam sendo protagonistas do processo.

**SE:** Reggio Emilia também ganhou notoriedade pelo trabalho realizado com artes. Qual é a função pedagógica das manifestações artísticas?

**EG:** As manifestações artísticas são o resultado final de um processo de aquisição de conhecimento. A arte tem a função de comunicar visualmente o resultado dos estímulos que a criança recebeu ao estudar algum tema. Para fazer uma escultura de argila, por exemplo, primeiro eles estudam o objeto de inspiração em todos os seus aspectos. A própria riqueza de detalhes que obtemos nessas manifestações artísticas realizadas por crianças pequenas comprova a profundidade do que foi estudado. A técnica para a produção da peça artística é o elemento menos importante desse processo.

**SE:** E durante esse processo complexo de aprendizagem, como o caráter dos alunos é formado?

**EG:** Todo o trabalho valoriza a ética do relacionamento das crianças com outras crianças, com os adultos e com o meio ambiente. Quando a criança ingressa na escola, já encontra uma dimensão de comunidade muito forte. Os professores ocupam-se de todas as tarefas que denotam

relacionamento mais próximo, como levar ao banheiro ou trocar a roupa das crianças. Os materiais utilizados nas aulas vêm da reciclagem e as crianças são conscientizadas disso. Tudo acaba criando uma sensação de pertencimento que estabelece a conduta ética.

**SE:** Os conceitos sobre escrita de Reggio Emilia também mostram revolução sobre o conhecimento da criança. Como surgiu isso?

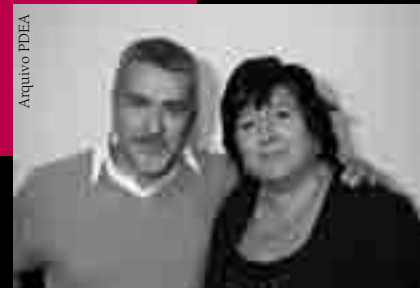
**EG:** Por meio da experiência. A criança, desde muito pequena, já tem noções de representação gráfica de fenômenos que a cerca. Não se aprende a ler e a escrever quando se diz que essas ações serão realizadas. Isso acontece de forma natural. Algumas saem alfabetizadas da nossa abordagem de educação infantil da forma mais natural possível, ou seja, por meio da interação com o mundo, pois são estimuladas pelos adultos. Assim, quando uma criança faz um desenho ou se manifesta de alguma forma, cabe ao professor interpretar aquele sujeito e identificar qual será o método ideal para sua aprendizagem. É um trabalho difícil de se realizar, mas apaixonante, a partir do momento que se descobre essa forma de trabalhar. Creio que esse é o principal fascínio de Reggio Emilia.

### Origem da abordagem Reggio Emilia

Após a Segunda Guerra Mundial, um grupo de mulheres da cidade italiana de Reggio Emilia buscava um modelo diferente de escola, integrada à comunidade e com formação pautada na ética e no desenvolvimento de competências. A abordagem educacional foi criada de maneira democrática e tão bem-sucedida que acabou sendo municipalizada em 1963, e logo se espalhou por todas as escolas do município.

O trabalho inicial levou em conta as características peculiares da cidade, que possui mais de cem diferentes etnias e muitos dialetos distintos do idioma italiano. Até os dias de hoje, o desenvolvimento pedagógico é feito de maneira democrática, na qual são considerados desde coordenadores até cozinheiros como peças fundamentais para o processo. O reconhecimento internacional surgiu em 1991, quando a revista norte-americana *Newsweek* publicou uma matéria apontando o sistema educacional infantil de Reggio Emilia como o mais admirável do mundo.

Bruna Elena Giacopini e Lanfranco Bassi, atelierista



Arquivo PDEA

# PROFESSOR: a alma da educação

Docentes mudaram sua forma de atuação diante da nova sociedade, mas continuam sendo protagonistas do processo educacional



Divulgação

**N**o dia 15 de outubro de 1827, o ensino elementar foi criado no Brasil por meio de uma lei que determinava as matérias básicas a serem ensinadas, além de regulamentar a atuação do professor no país. Desde então, a função desse profissional na sociedade vem se alterando profundamente. Se nos primórdios costumava ser uma figura autoritária cujo papel era a transferência de informações,

hoje são profissionais que precisam ensinar ao aluno como agir em uma sociedade onde o conhecimento está em todo lugar, mas necessita ser gerenciado. Além disso, muitos assumem a responsabilidade de transmitir valores de cidadania às crianças.

Em uma sociedade na qual o avanço da tecnologia trouxe facilidade para os alunos no acesso a qualquer tipo de informação, o professor continua a ser

a principal pessoa no relacionamento entre a escola e seus alunos e familiares, principalmente quando se responsabiliza pelos papéis que lhe são exigidos atualmente. Assim, o professor – aquele que tem o privilégio do contato permanente com os alunos e, portanto, com a formação das crianças – deve reunir estratégia pedagógica que contemple o desenvolvimento integral do ser humano, pois se transforma numa

## Paulo Freire: o professor do Brasil

É impossível falar de professores no Brasil sem citar Paulo Freire, falecido em 1997, aos 78 anos. Respeitado mundialmente como um dos grandes pedagogos da história contemporânea, suas idéias e práticas foram inovadoras ao focar a educação popular em uma pedagogia que visava a autonomia e a liberdade do indivíduo, o que faz com que os alunos sejam capazes de transformar sua própria realidade social por meio da conscientização e politização. Tais elementos faziam parte do que Freire chamava de “a boniteza de ser gente”.

Paulo Freire também se preocupava muito com a forma como o professor se colocava diante dos alunos. Segundo o professor Moacir Gadotti, autor de livro recém-lançado que homenageia Freire, *Ensinar*

*e aprender com sentido*, o pedagogo chama a atenção para a essencialidade do componente estético na formação do educador, e discorre sobre a “boniteza” do sonho de ser professor. Sonho este que precisa ser entendido e sonhado por muitos, para que se torne realidade e transforme a nação.

As primeiras experiências educacionais de Freire foram realizadas em 1962, no estado do Rio Grande do Norte, nas quais trezentos trabalhadores rurais se alfabetizaram em 45 dias. Nesse mesmo período, começou a trabalhar ativamente no Movimento de Cultura Popular de Recife, mas teve suas atividades interrompidas com o golpe de 1964, que provocou seu exílio no Chile por 14 anos. Nesse país andino, aplicou sua pedagogia e foi reconhecido pela

Unesco pela contribuição que teve na superação do analfabetismo.

Sua obra, traduzida em quarenta idiomas, ultrapassa o espaço da pedagogia popular e atende à educação como um todo, sempre com o conceito básico de que não existe uma educação neutra, pois ela é, em si, política. Essa obra garantiu seu reconhecimento entre os grandes pedagogos da humanidade, ao lado de nomes como Jean Piaget.

Sua pedagogia visava um processo de construção do conhecimento baseado na realidade social e na experiência vivenciada pelas pessoas. Foi a grande propulsora dos conceitos atuais de que o professor é muito mais do que um sujeito que transfere informações ou um facilitador, mas sim aquele que ensina a aprender.

das principais referências das crianças no decorrer do processo educacional. Rubem Alves descreve essa habilidade de maneira mais poética: “Ensinar é um exercício de imortalidade, de alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra; o professor, assim, não morre jamais”.

Outro fator da importância do professor é a relação de confiança que se es-

tabelece entre ele e seus alunos. Apesar de toda essa revolução tecnológica pela qual as escolas passam, a afetividade, a compreensão e a ajuda mútua são elementos essenciais para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, pois auxilia os alunos no seu desenvolvimento acadêmico e intelectual. Para Milton Rosa, mestre em educação matemática e professor da disciplina nos Estados Unidos, “o docente é a figura que pode

resolver problemas ou conflitos entre alunos e pais e a escola, além de saber reconhecer mais do que ninguém o desempenho dos alunos”.

O próprio comportamento do aluno diante dessa nova sociedade da informação é um indicativo da importância do professor. O fenômeno do site de relacionamentos Orkut demonstra isso. São milhares de comunidades dedicadas a professores que se destacaram ao

Ensinar exige pesquisa. Ensinar exige criticidade.  
 “ Ensinar exige bom senso. Ensinar exige curiosidade. ”  
 Ensinar exige saber escutar.  
 Paulo Freire

longo de suas carreiras e conquistaram a admiração de uma legião de alunos. Essa nova possibilidade de se relacionar com o outro também é acompanhada por alguns professores na expectativa de se entender a linguagem do jovem e estabelecer uma maior proximidade com os alunos. “É uma oportunidade para que os professores consigam se relacionar cada vez mais efetivamente com os alunos já integrados à nova sociedade”, afirma Andréa Ramal, diretora executiva da ID Projetos Educacionais.

Nesta reportagem, a SuperEscola homenageia os professores de todo o Brasil e mostra a necessidade pela paixão, pela inovação e o papel fundamental de alguns profissionais nesse processo, com destaque para Paulo Freire, a principal figura do país neste setor.

### Visão sobre o professor no Brasil

O professor que dedica sua vida à educação não se importa com sucesso e fama, mas teria muito mais disposição para continuar em sua luta diária se tivesse o reconhecimento que merece por parte de toda a sociedade. Em um contexto em que a procura por cursos de licenciatura está em queda e mesmo os estudantes dessas carreiras não estão muito interessados em se dedicar à atividade, torna-se difícil desenvolver a paixão pela área.

Para o professor Milton Rosa, brasileiro que se destacou nos

Estados Unidos com uma abordagem pedagógica inovadora para o ensino da matemática, o Brasil deveria ter mais tradição em valorizar seus professores e homenageá-los constantemente, sobretudo os que se destacam com grandes projetos. “Os casos que observamos são esporádicos e pouco divulgados. Nos Estados Unidos, por exemplo, cada comunidade escolhe seu professor do ano, que são indicados para concorrer pelos condados e nos estados”, revela.

Milton Rosa experimentou um reconhecimento no país em que atua que dificilmente teria no Brasil: foi eleito professor do ano na escola de ensino médio Encina High School, em Sacramento, Califórnia, ao vencer o desafio de lidar com alunos de uma grande diversidade econômica, social, cultural e étnica, quando diversos deles ainda eram aprendizes da língua inglesa. Dentro desse contexto, a experiência diária o ajudou a desenvolver uma metodologia de ensino eficaz baseada nos conceitos da Etnomatemática. O método em questão foi elaborado em conjunto com o colega Daniel Orey, o principal parceiro de Milton na inovação, e consiste no estabelecimento de mecanismos sociais de institucionalização e transmissão do conhecimento para o ensino da matemática. Para aplicar a metodologia, os docentes defendem que é necessário a análise constante de cada indivíduo no seu ambiente cultural para que o ensino seja bem-sucedido.

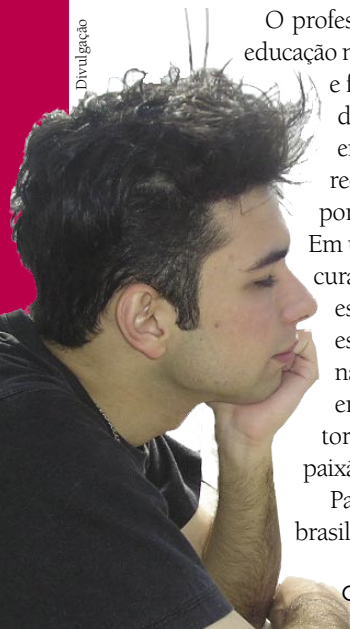
O fenômeno da falta de reconhecimento social da docência não é exclusivo do Brasil: atinge toda a América

Latina e países pobres que vivem à margem do desenvolvimento social. Exatamente por isso, o reconhecimento da profissão de professor é importante. Não se trata de massagear egos, mas de estimular uma profissão e abrir portas para que muitos se apaixonem e voltem a sonhar em ser educador, o que impulsionaria o desenvolvimento da sociedade.

Apesar do cenário, a semente ainda persiste. Todos os anos, jovens com o desejo de transformar a sociedade por meio da docência entram nas universidades dispostos a criar sua própria história. É o caso de Carlos Eduardo Alves Duarte, que, aos 20 anos, cursa o primeiro ano de Letras na USP. Carlos resolveu apostar na área de sua vocação e pela vontade de contribuir com um setor que, segundo ele, só depende de bons profissionais. “Quando se fala dos problemas do ensino, culpam a escola, o comportamento dos alunos, mas eu acredito que o problema maior está na falta de professores que saibam estimular nas crianças a busca pelo conhecimento. Por querer colaborar para a mudança dessa realidade, nutro o sonho de me dedicar à área”, completa.

Para aproveitar os anseios de jovens como Carlos, cabe ainda, a todos os professores, formar seus alunos com a consciência de que ele, professor, será uma eterna referência a seus alunos, os quais plantarão seus frutos em um futuro nada distante. Como afirma Philippe Meirieu, em seu livro *Carta a um jovem professor*, “seremos para sempre tributários daquele que nos ajudou a distinguir o que realmente significa aprender”.

Carlos Eduardo Alves Duarte,  
 cursa letras na USP





## Paixão pelo ensino

Como já indicava Paulo Freire em sua obra, uma das características essenciais do professor é a transformação da vocação em amor, um dos sentidos de sua própria vida. Segundo Moacir Gadotti, isso é essencial para que o docente se transforme em um profissional do encantamento. “Em um mundo de desencanto e agressividade crescentes, o novo profissional da educação é também um especialista na arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar”, descreve no livro *Ensinar e aprender com sentido*.

Rubem Alves vê o ensino como um ato de alegria a ser exercido com paixão e arte. “É como a vida de um palhaço, que entra no picadeiro todos os dias com a missão renovada de divertir. Ensinar é fazer aquele momento

único e especial: rindo, dizer coisas sérias”, descreve, mostrando como a poesia e o prazer de ensinar ganham fins práticos ao desenvolver pessoas e formar uma população mais consciente de seu papel na sociedade.

Mário Sérgio Cortella, professor de pós-graduação em Educação pela PUC-SP, também possui a paixão como mote que o move na profissão.

## Docente virtual

A tecnologia e a sociedade da informação não trouxeram desafios somente aos professores em sala de aula. Em determinado momento, muitos se viram desafiados a criar uma lógica pedagógica que transcendesse a presença física e proporcionasse relações mais orgânicas no mundo conectado. Assim, nasceu a figura do docente virtual.

O mais importante desafio desse novo profissional é a transformação do conteúdo para o modelo virtual, levando em conta a interatividade que as novas mídias são capazes de proporcionar, com o objetivo de conduzir os estudantes a uma produção de conhecimento por meio da colaboração e do relacionamento mais humano em redes e comunidades virtuais.

Andréa Ramal, diretora executiva da ID Projetos Educacionais, é uma das docentes que iniciou a carreira como professora presencial, mas logo percebeu, no fenômeno de transformação das mídias, a metamorfose na forma como a educação deveria ser vista no país. Tomou esse fato como objeto de estudo e ajudou a consolidar conceitos de educação à distância que focam a atuação do professor virtual. “Esse profissional precisa estimular a interação entre os próprios estudantes, dinamizar as relações e fazer o aluno procurar seu conhecimento. Plantões de dúvidas e reprodução de conteúdos tradicionais não formam o verdadeiro ensino virtual”, revela Andréa.

A especialista ainda destaca como fundamental a entrada de todos os professores, mesmo os presenciais, no mundo virtual, de forma a compreender melhor o jovem e atuar mais de acordo com a realidade que ele vive. “Os professores devem entrar no Orkut, visitar *blog* dos alunos, enfim, criar uma relação que demonstre o entendimento de sua linguagem”, afirma.

Para ele, pessoas foram feitas para ser felizes, e o amor é indissociável da educação. “Esse não é um trabalho só nosso, mas também é nosso. Devemos ter paixão pela inconformidade de como as coisas são, paixão pela derrota da desesperança, paixão pela idéia de melhorar a si mesmo procurando tornar as pessoas melhores. Em suma, paixão pelo futuro”, afirma.

# INCENTIVO à leitura

Mudar a realidade nacional de pouca leitura depende de atividades que estimulem o aluno desde pequeno

**O** Brasil pode ser considerado um país que lê pouco. Estatísticas mais recentes apresentadas pela Câmara Brasileira do Livro, por meio da pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, aponta que a média de livros lidos *per capita* anualmente no país é de 1,8 contra 4,9 na Inglaterra, 5,1 nos Estados Unidos e 7 na França. Além disso, o gasto médio do brasileiro com jornais e revistas é muito baixo, se comparado a outros produtos e serviços. Fica atrás, por exemplo, de despesas médias com perfume, cabeleireiro e manicure. Famílias com maior poder aquisitivo consomem de quatro a seis vezes mais esses produtos do que livros.

É normal algumas pessoas justificarem o fato com o alto preço do livro, mas a falta de apego que o brasileiro tem com a biblioteca desmistifica essa crença. As estatísticas estão mais ligadas à falta de estímulo que as crianças recebem para a leitura quando ainda estão em idade escolar, o que também interfere na capacidade de reunir diversas fontes de informação, de formular seus próprios pensamentos e conclusões. Dentre as conseqüências, ocorre atraso no desenvolvimento da nação e o impedimento do exercício total da cidadania daqueles que ficaram para trás nesse processo.

Para mudar essa realidade, não basta apenas montar belas bibliotecas ou deixar o livro à disposição dos alunos. É necessário realizar uma série de outras atividades paralelas para criar um ambiente propício ao estímulo à leitura na escola. O foco deixa de estar somente sobre o aluno, para também se concentrar sobre o professor, que deve ser o maior protagonista de projetos de incentivo à leitura.

## Biblioteca interativa

Um dos casos de sucesso no Brasil em programas de incentivo à leitura

ra surgiu de um projeto da Universidade de São Paulo, desenvolvido por Edmir Perrotti, doutor em Educação pela mesma instituição. Sua experiência profissional começou em uma escola municipal em região carente de São Paulo, que possuía um enorme rodízio de alunos, índices muito altos de repetência e abandono e que, para piorar, tinha perdido sua biblioteca em uma enchente.

Depois de aceitar o desafio, veio a necessidade de preparar o ambiente para um novo conceito de biblioteca interativa, cuja essência é a circularidade da informação, ou seja, a troca de experiências entre as pessoas que se movem no espaço da biblioteca proporciona o surgimento de uma nova relação com a informação. “Mais do que a implantação de um espaço físico, o projeto estabelece um lugar de aprendizagem informacional, que inclui desde atitudes até competências. Por exemplo, o sujeito tem que saber a diferença sobre como se lê livros de ficção, poemas, dicionários e notícias, e entender que pesquisa não significa recorte de informações”, diz o doutor Perrotti.



Edmir Perrotti, doutor em Educação pela USP

Divulgação

Outras inovações incluíram a substituição das tradicionais horas do conto, em que os professores contam histórias para os alunos, por momentos em que as crianças podem contar episódios relativos às suas vidas e ao seu repertório cultural, além de um acervo de livros justapostos com computadores, música e televisão. A idéia é fazer com que os alunos se relacionem com a informação nos mais diferentes modelos. Se a idéia é fazer um trabalho sobre a falta de água, a letra da música *Asa Branca*, de Luís Gonzaga, ou

## Tipos de leitura

As diferentes leituras exigidas pelo cotidiano das crianças e dos adultos não podem ser tratadas da mesma forma. Lemos por puro entretenimento, para obter informações, para construir conhecimento etc. Para Maria José Nóbrega, mestre e especialista em língua portuguesa, um dos aspectos mais importantes ao aplicar a atividade de leitura é considerar as práticas pessoais em torno dela. Assim, as crianças precisam ser colocadas em contato com o mundo real da palavra escrita, considerando-se seus diversos tipos.

Na leitura de apreciação estética (entretenimento), por exemplo, o importante é que tanto o professor quanto a família estabeleça uma rotina diária de colocar a criança em contato com diferentes autores e gêneros textuais. “A criança estabelece um contato mais direto e desenvolve repertório, sabendo comparar textos”, diz Maria José. Na leitura de imprensa, por outro lado, deve-se promover a leitura de jornais após os alunos terem acompanhado algum telejornal, o que permitirá mais conversas sobre o tema, comparando o que foi visto na TV com o que apa-

rece no jornal. “A criança transita de um veículo que tem mais familiaridade para outros que exigem leitura e começa a identificar as diferentes mídias”.

A outra esfera, a da leitura para o aprendizado, é uma das mais complexas, pois é necessário fazer a criança interagir com o que está escrito. “Para que isso ocorra, é essencial que se tenha um conhecimento prévio sobre o assunto. Nesse sentido, é sempre interessante o professor identificar para os alunos quais são as idéias principais e como as hierarquizações de informações são realizadas, tarefa difícil para leitores iniciantes”, afirma a especialista em língua portuguesa.

Maria José Nóbrega destaca ainda uma outra esfera, que é o compartilhar, ou seja, trocar impressões sobre o que foi lido. “Esse é outro fator muito importante para ser estimulado tanto no espaço escolar quanto no ambiente familiar”, destaca.



Divulgação

os lamentos de Graciliano Ramos estão disponíveis para criar essa nova relação.

Segundo Perrotti, os resultados não decepcionaram. O mais significativo ocorreu com uma turma de repetentes, de 14 anos, que não conseguia sair do primeiro ciclo de aprendizagem e não sabia ler e escrever adequadamente. A partir do trabalho desenvolvido com a biblioteca, a turma de quase 40 alunos foi alfabetizada e, em poucos meses, todos liam. “Havia uma situação de fracasso generalizado, de aprendizagem que não se efetivava. O trabalho mudou a realidade desses jovens”.

Outro resultado apontado pelo professor foi a mudança de atitude dos alunos diante da escola. Hoje vão atrás da informação e do conhecimento. “A mudança radical de

atitudes desmistifica a idéia de que as crianças são desinteressadas. Elas são sim bastante atentas às oportunidades quando recebem estímulos para desenvolver seu gosto pela busca do conhecimento e da leitura”. A nova postura dos professores também foi fator preponderante. “Os professores mudaram sua forma de ensinar, buscando lançar desafios para os alunos alcançarem sua formação e, com isso, cultivar a autonomia dos pequenos. Acho que esse aspecto é essencial”, completa.

### A importância da oralidade

Um dos estímulos mais espontâneos que alguns pais fornecem para seus filhos, desde pequenos, é a prática de contar histórias. Ao manter esse hábito, estimulam o imaginário da criança e aguçam sua curiosidade e vontade de buscar novas informações.

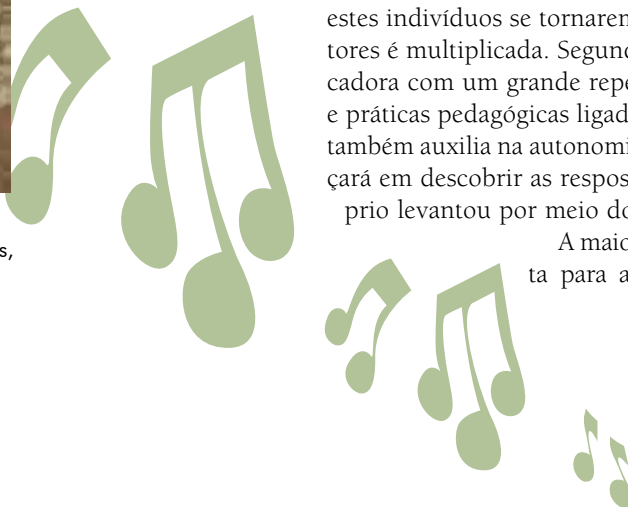
Quando essa mesma atividade é feita de forma artística e com elementos que reforçam os efeitos que as histórias contadas têm sobre as crianças, as chances de estes indivíduos se tornarem adolescentes e adultos leitores é multiplicada. Segundo Bia Bedran, artista e educadora com um grande repertório de histórias, canções e práticas pedagógicas ligadas à literatura, esse trabalho também auxilia na autonomia do aluno, pois ele se esforçará em descobrir as respostas às questões que ele próprio levantou por meio dos livros e da leitura.

A maioria das histórias que Bia conta para as crianças são clássicos in-



Divulgação

Bia Bedran, artista e educadora com grande repertório de histórias, canções e práticas pedagógicas





## Atividade desenvolve autonomia dos alunos na busca de informações



Arquivo, Escola Notre Dame

A escola Notre Dame, de Campinas, instituição que faz parte das Escolas Associadas, desenvolve duas atividades com o objetivo de estimular a leitura e a autonomia do aluno na sua busca por informação e desenvolvimento de textos. Em um dos programas, o aluno elege um tema e trabalha em cima dele com o monitoramento da professora. Se o objetivo é conhecer a vida das cobras, o primeiro passo é considerar o conhecimento prévio sobre os animais e elaborar uma série de questões. “Feito isso, a professora passa a orientar como ele pode procurar resposta para as questões. Pode ser por meio da internet, livros ou até mesmo entrevistas com especialistas da área”, conta a coordenadora Kelly Cristina Cassanti.

Desenvolvido o trabalho, o aluno socializa a informação usando recursos multimídia, música ou até mesmo levando os profissionais que serviram como fonte. “O resultado é que o aluno aprende procedimentos de seleção de informações de acordo com suas dúvidas e toma gosto pela prática, o que estimula seu hábito de leitura”, assinala Kelly.

Outro trabalho, denominado Pré-Leitura, estimula alunos de segunda série ao relacionamento com um livro por meio de exploração prévia que faz as crianças conversarem sobre o que acham que acontecerá na história. “As hipóteses são instigantes e o livro passa a ser lido de uma outra forma. O resultado é visível ao observamos a vontade com que os alunos procuram o livro após a atividade inicial”. Para as próximas atividades, a ideia de Kelly é levar o autor para conversar com as crianças e, assim, reforçar o trabalho. “É algo que aproxima ainda mais o aluno ao mundo da literatura”, revela.

fantas disponíveis em livrarias, mas dinamizadas com leitura coletiva e com inserções musicais. No final das apresentações, a obra que a inspirou é apresentada para a criança, estimulando-as a buscá-la em papel.

A grande vantagem de trabalhar com a oralidade é que ela pode ser aplicada em trabalhos com crianças a partir de 2 anos, antes mesmo de sua alfabetização. “Nesse caso, o que cha-

ma a atenção, além da palavra, são as músicas e os adereços que levam o pequeno a entender como se acompanha um enredo. Nessa fase, é necessário tomar o cuidado para contar histórias com pouca duração e manter a criança com sede de palavra. Obviamente, deve ser uma leitura bem-feita”.

Para Maria José Nóbrega, existe uma diferença fundamental quando os pais contam histórias ou lêem

histórias. Ao contar histórias, reproduz-se algo conhecido por meio de linguagem oral. Ler é a reprodução da obra literária, em toda sua estética e linguagem características. “O pensamento é organizado de maneira diferente quando se escreve. É importante acostumar a criança à estrutura específica da linguagem escrita por meio da leitura de histórias”, conclui.

# EDUCAÇÃO BÁSICA na formação integral

Ensino deve ser voltado à formação integral do cidadão. Preparação para o mercado de trabalho surge como consequência.

**O** momento pelo qual o mundo passa exige da escola a discussão sobre seu papel na formação de crianças e jovens. O desafio é transformá-los em adultos capazes de lidar com as mudanças velozes da sociedade e a adaptação constante de planos e condutas.

Sabe-se que as relações interpessoais, a forma de lidar com o aprendizado constante e as melhores posturas no mercado de trabalho são habilidades e competências potencialmente desenvolvidas durante a infância e a adolescência, ainda no período da educação básica. Por esse motivo, a Unesco estabeleceu, em 1996, os quatro pilares da educação, que faz

com que os envolvidos em educar se questionem o quanto a escola está colaborando para esse tipo de formação. Os elementos descritos pela organização interferem diretamente na forma como deve se pensar a pedagogia e as competências chaves a serem assimiladas pelos alunos.

Dez anos se passaram desde a publicação dos quatro pilares, mas nem todas as escolas o utilizam como referência. A principal razão disso é a dificuldade de superação do modelo tradicional da escola: o professor discursando na frente do aluno. Para Luiz Carlos Menezes, físico e educador da Universidade de São Paulo, é justamente esse comportamento preso

aos antigos preceitos da educação que deve ser alterado. “O primeiro fator a ser mudado é o sentido do que é aula. Tem que ser um momento de vivência coletiva dos estudantes”, afirma.

A vivência proposta por Menezes é compatível com os quatro pilares, porque confere à instituição educacional a responsabilidade de se transformar em espaço de socialização e participação coletiva na construção do conhecimento, diferentemente do esquema de treinamento que comumente se estabelece. “Vejo que a escola deve promover todos, valorizar as diferenças e não domesticar para obediência. Deve ser um espaço solidário da expressão da individualidade”, completa.

## Os quatro pilares da educação

Para promover o desenvolvimento da educação em um mundo tumultuado, e para que ela pudesse fornecer, de algum modo, uma orientação através dele, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors e texto publicado na obra *Um tesouro a descobrir*, estabeleceu um relatório para a Unesco no qual constam os quatro pilares da educação. O objetivo é que os estudantes tenham condições de responder às exigências do mundo atual, ou seja, de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as possibilidades de atualização, aprofundamento e enriquecimento dos conhecimentos adquiridos no começo da vida. Confira os quatro pilares:

- **Aprender a conhecer**, ou ter capacidade plena de compreensão;
- **Aprender a fazer**, para poder interferir no meio em que se está inserido;
- **Aprender a viver juntos**, a fim de desenvolver atividades em conjunto com terceiros;
- **Aprender a ser**, elemento que integra os outros três, desvelando seus pontos de contato.

## Educação para o futuro

Educação é um investimento para o futuro. Os anos depois da infância e da adolescência são compostos pela expectativa de se ter uma vida pessoal feliz como consequência de uma profissão bem-sucedida. Esse é um dos objetivos de pais que matriculam seus filhos no ensino básico: que seus filhos sejam profissionais requisitados e de sucesso, garantindo um futuro feliz.

Para Menezes, embora os pilares da educação tenham grande colaboração nesse aspecto, não deve ser visto como principal razão de ser da escola. “Ela não deve ser uma serviçal do mercado, mas sim pensar no ser hu-



Max Gehringer, autor dos livros *Comédia Corporativa e Relações Desumanas no Trabalho*

mano integral. Entretanto, certamente um indivíduo que ‘aprender a aprender’ estará muito mais capaz de enfrentar os desafios não só do trabalho, mas da vida contemporânea”, opina. Menezes reafirma ainda a necessidade de a escola ser um ambiente que dê felicidade ao aluno, com o devido respeito à individualidade. “Assim, no futuro, a criança estará à vontade para expor suas idéias tanto no trabalho quanto em diversos outros setores da vida”, completa.

Como consequência de uma boa formação, inevitavelmente os estudantes se tornarão adultos com as principais características requeridas

“O primeiro fator a ser mudado é o sentido do que é a aula. Tem que ser um momento de vivência coletiva dos estudantes”  
Luiz Carlos Menezes

pelo mundo do trabalho atual, como habilidade para trabalhar em equipe, iniciativa, pró-atividade, capacidade para antever cenários, criatividade, boa comunicação, erudição, entre outras habilidades, que vão muito além do conhecimento técnico.

Max Gehringer, executivo, autor dos livros *Comédia Corporativa e Relações Desumanas no Trabalho*, além de atuar como comentarista sobre o tema na Rádio CBN, reforça a idéia de que as empresas procuram pessoas que contribuam para criar um clima de bom relacionamento entre os funcionários, que tenham prazer de trabalhar em equipes e que coloquem a ética acima das ambições por ascensão profissional. “São noções transmitidas ao aluno ainda no ensino básico. Se alguém chega aos 20 anos ignorando tudo isso, terá muita dificuldade de mudar”, afirma.

Lenyta Diniz, gerente de planejamento de carreira e *headhunter* da Manager – empresa especializada em seleção de executivos para empresas –, acrescenta: “É fundamental que se perceba, desde criança, o quanto é impres-

cindível o respeito humano e mútuo e a importância do relacionamento interpessoal, independentemente da classe social”, afirma a especialista.

### Material pedagógico

Antes de definir os parâmetros que norteariam o desenvolvimento do material do Ensino Médio, o Pueri Domus



Lenyta Diniz, gerente de planejamento de carreira e *headhunter*

“ É fundamental que se perceba, desde criança, o quanto é imprescindível o respeito humano e mútuo e a importância do relacionamento interpessoal, independentemente da classe social ”

Lenyta Diniz

## Os sete saberes para o século XXI

A Unesco publicou, ainda, em 1999, os sete saberes necessários para o cidadão do século XXI (veja quadro abaixo), elaborado pelo filósofo francês Edgar Morin, como consequência de um trabalho que ele desenvolveu no Ministério da Educação de seu país. As habilidades propostas têm um caráter mais revolucionário, por sugerir a desconstrução das ordens estabelecidas pela estruturação disciplinar nos currículos, mostrando às pessoas a real complexidade da vida e dos problemas que terão de enfrentar. Para Morin, o mundo é indivisível em partes. Compreendê-lo implica, necessariamente, encarar sua desordem.

### Sete saberes necessários para o século XXI, de acordo com Edgar Morin

1. Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão;
2. Não basta ter acesso às informações, mas é preciso aprender a organizá-las e articulá-las. Saberes isolados não são funcionais;
3. A condição humana é o ponto central da educação do futuro;
4. A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente. Tal união pede a consciência e um sentimento de pertencimento mútuo que nos una à nossa Terra, considerada como primeira e última pátria;
5. Deve-se enfrentar as incertezas. Uma vez que as ações escapam de nossas intenções, devemos ser capazes de realizar as escolhas conscientes dos riscos;
6. A educação deve fornecer instrumentos para que se compreenda o fenômeno do mundo interligado que se vive atualmente, no qual as distâncias foram suprimidas;
7. A noção de uma comunidade planetária aponta para a necessidade de uma ética para a Humanidade.

Escolas Associadas realizou uma mesa redonda com profissionais de diversas áreas, para saber qual o perfil de escola dos sonhos desses profissionais. O resultado mostra que o principal desejo das empresas são pessoas com boa cultura geral.

Segundo o diretor de conteúdo do Pueri Domus Escolas Associadas, Lilio Paoliello Jr., a tematização é uma das principais estratégias para que esse perfil seja alcançado: “Todos os contextos são interligados”. A metodologia, que tem como objetivo principal a formação integral do ser humano, acaba estimulando, como consequência, a pró-atividade, a criatividade, a boa formação cultural e a habilidade para trabalhar em equipe. “Com o apoio dos professores, o material pode despertar no aluno, por exemplo, o entendimento sobre o funcionamento do terceiro setor. Usamos muito o olhar para a realidade, em discussões que levam o aluno a se conscientizar sobre a sociedade que o cerca”, complementa o diretor.

Lilio A. Paoliello Jr., diretor de conteúdo do Pueri Domus Escolas Associadas



Arquivo PDEA